

VIDA PAROQUIAL

Redacção

FIGUEIRÓ DOS VINHOS
E CASTANHEIRA DE PERA

Director e Editor

P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Redactor Principal

P.º ARMÉNIO MARQUES

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

O CULTO DOS SANTOS e a vida moderna

O culto dos Santos lembra aos homens um ideal magnífico de vida. O homem honrou, em todos os tempos, os heróis e em homenagem nobilita-o, torna-o maior. Mas é essencial fazermos uma escolha daquilo que veneramos e estrear o que nos deve servir de modelo. Na nossa admiração, colocamos, com razão, em primeiro lugar, os sábios, os artistas, os inventores que ajudam o homem a realizar a promessa da Sagrada Escritura: «Sujeitai a terra». Dante conquista a nossa admiração com a sua grande visão do mundo, da mesma maneira que Murilo a alcança pelo modo como sabe fixar na tela a beleza sobrenatural, e Beethoven nos comove até ao fundo da alma com as suas profundas harmonias. Assim têm também a nossa admiração um Carlos Magno, um Napoleão, ou outro grande homem de guerra, e ainda a merecem os sábios inventores no campo da electricidade, da mecânica, da radiotécnica; mas a nossa admiração deve ser maior ainda por aquelas grandes almas, almas de heróis anónimos escondidos que, na luta de todos os dias entre a pobreza e a febril actividade das nossas cidades, se mantêm puros e fortes, não obstante todas as tentações.

Sim, este heroísmo contínuo merece a nossa estima. Assim como a homenagem prestada aos grandes homens corresponde a uma necessidade íntima da alma popular, tornando-a maior, o entusiasmo que o nosso século mostra pelas falsas glórias é um sinal de decadência.

Feita esta observação, podemos, explicar por que, na actual sociedade, o ideal humano está tão diminuído. Peguemos num jornal. De que fala? Apenas meia dúzia

de linha nos falam dos graves problemas espirituais e morais que se impõem à humanidade.

Por exemplo, onde encontramos os relatos dos missionários que, com admirável desprezo da morte, com uma vida cheia de sacrifícios vão levar o cristianismo e a civilização aos povos brutos e quase selvagens? Dessa obra sublime quase nem se fala; mas, por outro lado, informam-nos, com toda a minúcia, como em Barcelona um campeão de baile pôde dançar sem interrupção durante 240 horas, parando apenas três minutos em cada hora para comer e mudar de roupa, durante estes dez dias. Este bailarino é um herói! Qual é o jornal que nos fala da abnegação das nossas Irmãs de Caridade, das religiosas que se afastam do mundo para tratar do que sofrem? Nenhum. Mas, se se trate de dois pugilistas, do tempo que um leva a prostrar o outro, isso então é outro caso, e até se lembra que os 80.000 espectadores gritaram a plenos pulmões e repetidas vezes: «Knock out, Knock out»: deita-o a terra! Tudo isto abrange quatro colunas; é heroísmo, é glória, não podia deixar de se narrar!

Onde é que lemos o que fazem os sábios, os estudiosos, no silêncio dos gabinetes, dos seus laboratórios para a cura do cancro, ou para melhoramento e progresso da civilização? Tudo reduzido ao mínimo, duas ou três linhas; mas um encontro de foot-ball, um nadador que atravessa a Mancha, ou uma estrela de cinema, ocupam páginas e páginas. Tudo isto é para admirar. Mas o abaixamento do nível intelectual e moral aparece-nos ain-

(Continua na 2.ª pág.)

Noticiário religioso

Obras

Quer nas capelas, quer na Igreja se tem procurado embelezar e mesmo descer a pormenores de arranjo que muito têm valorizado o espólio artístico da nossa freguesia.

A capela da S.ª dos Remédios foi pintada e sofreu uma transformação que a tornou uma das mais lindas capelas da freguesia. A de S. Sebastião recebeu também arranjos de vulto e a do Senhor Jesus da Sobreira mercê da boa administração dos seus mordomos que, este ano, terminaram o mandato foi forrada, o soalho foi substituído por cimento e por isso ficou muito boa. A das Bairradas sofreu também obras várias que a alindaram e a de S. Pedro melhorou consideravelmente desde o telhado novo até às paredes e soalho. E esperamos que Aldeia de Ana de Aviz diga presente, conseguindo fazer a nova capela como o desejam todos os que amam a beleza.

A Igreja recebeu também ultimamente alguns melhoramentos. Foi pintado o Baptistério e o altar do Senhor dos Aflitos restaurado convenientemente.

Só temos que agradecer a to-

dos os que contribuem para tais obras e em particular aos mordomos das capelas.

+

Senhor Bispo Auxiliar

A presidir à Conferência do Arciprestado esteve no meio de nós, o Senhor Bispo Auxiliar no passado dia 18 de Maio, que deixou a melhor impressão no clero do Arciprestado.

+

Cruzada Mundial de Orações das Crianças pela Paz

Foi com alegria que todos receberam esta iniciativa.

Mais de 400 pessoas se abeiraram da mesa da comunhão e a Hora de Adoração foi muito concorrida assim como a sessão de projecções.

+

S. João

Faz-se este ano, a festa do nosso Padroeiro com todo o brilho. Missa solene, sermão, procissão e à noite o tradicional fogo preso.

+

AVISO IMPORTANTE

Vai ser dada a empreitada do reboco e soalho da Residência Paroquial. Chama-se por isso a atenção dos interessados. Aceita propostas o Pároco.

PELO MUNDO CATÓLICO

A população católica nas Filipinas é de 19.836.063 ou seja 80,5 por cento da população total.

Há 24 circunscrições eclesiais; e 2.702 sacerdotes.

— Numa série de conferências organizadas ao ar livre, na Baixa Áustria pelo jesuíta Padre Leppich reuniram-se mais de 20.000 ouvintes.

— Em Curitiba (Brasil) realizou-se a III Semana de Intelectuais Católicos. A I efectuou-se em S. Paulo em 1951 e a II no Rio de Janeiro.

— A Associação de Ciclistas Franceses concedeu o seu diploma de mérito ao pároco de S. Miguel. O sacerdote que conta 91 anos utiliza bicicleta, há

66 anos, nas suas jornadas de apostolado.

— Na Igreja de S. João da Porta Latina, em Roma, celebrou a sua primeira missa João Carlos Roux, que recentemente desempenhava o cargo de secretário da Embaixada francesa na Grécia.

— Na Igreja de S. Domingos, de Buenos Aires, celebrou-se o cinquentenário da inauguração da estátua de Cristo Redentor dos Andes, que proclama a amizade entre chilenos e argentinos e que fica entre os picos Tupungato e Aconcágua.

— Em Verzburgo, cinco

(Continua na 3.ª pág.)

FALA O LEITOR...

Procurei de olhos fitos em Deus colher algo de proveitoso para trazer-lhes à reunião de hoje. O capítulo que me foi destinado, é um tanto vasto. Trata em primeiro lugar, da descrição dos lugares do culto.

Todas as religiões tiveram sempre locais em que seus membros se reuniam, para praticarem seus actos de culto. É assim também entre os cristãos, desde os alvares do cristianismo, houve a necessidade de criar ambientes propícios para as suas demonstrações de fé. Primeiro, procuraram utilizar-se das sinagogas e templos de seus antecessores mas, repelidos pelos que não comungavam em idênticos ideais, depressa foram coagidos a abandoná-los. Passaram então a servir-se dos domicílios privados, dos adeptos da nova doutrina. Surgiram assim as casas romanas, lugares do culto, em que, atravessado o átrio cercado de pórticos, os fiéis se reuniam no cenáculo, sala espaçosa do primeiro andar, para unidos em prece, esperarem a visita do Espírito Santo. Nasceu assim, a casa da Igreja, designação dada a estes pseudo templos. Entretanto, com as perseguições, vem a necessidade de ocultarem aos olhos profanos, seus sentimentos cristãos. E, como ao tempo, os cemitérios eram

subterrâneos, e, por lei invioláveis e seguros asilos, deliberaram os cristãos, refugiar-se nesses abrigos, designados catacumbas, para aí praticarem seus actos de culto. Eram as catacumbas espaçosas galerias subterrâneas, em que, nas paredes laterais se achavam as sepulturas, feitas por escavações. Estas galerias davam acesso a um quarto denominado cubículo, onde existiam túmulos, fechados por pedras mármore, encimados por nichos semicirculares.

Era nestes cubículos que os cristãos se reuniam e, sobre estes túmulos denominados, pela sua forma circular, arcosólios e contendo os despojos de mártires, que celebravam o santo sacrifício.

Revelam-nos até estes lugares, através da sua arte a fé da Igreja primitiva. É que pelo recórdio das perseguições, estabelecera a Igreja, a lei do Arcano ou Sigilo, pelo qual se empregavam símbolos somente do conhecimento dos fiéis, para evitar aviltação possível dos mistérios da fé, pelos perseguidores. E assim, encontram-se nas catacumbas tais como: Jesus representado na figura do Bom Pastor, simbolizando a dedicação e a caridade; na do Cordeiro a imolação na Cruz e, num peixe levando pão e vinho no dorso simbolizando a Eucaristia.

É de facto chocante o simbolismo deste último exemplo, dado o seu significado. O peixe, representa Jesus, pois que em hebraico, as letras de peixe são as mesmas das iniciais de: Jesus Cristo Filho de Deus, Salvador.

E na Eucaristia para as nossas almas crentes é Jesus que vive, sob a forma daquele pão immaculado e, nas gotas odoríferas do vinho do cálix. Entretanto, também estes lugares foram vedados pela proibição sob pena de morte da entrada neles. Só depois na era de Constantino lhes foi dada liberdade de culto. E então, surgem as construções dos templos.

Primeiro, as basílicas, semelhantes às casas romanas pelo átrio e às basílicas civis, pela forma rectangular. Dividiam-se em três corpos: vestibulo, nave e santuário. Vestibulo, destinava-se a isolar a Igreja, do bulício externo, e era também o lugar da primeira classe dos penitentes. Havia nele um reservatório de água destinada às purificações. No interior do pórtico, era o lugar dos ouvintes.

Três entradas, davam acesso à nave, uma para clérigos, a do centro, a da esquerda para mulheres e a da direita para os homens. A nave por sua vez dividia-se em três partes sendo a central para os ouvintes, a da esquerda para senhoras ficando ao cimo o lugar das virgens consagradas a Deus, e a direita para homens encimada pelos monges. Antes de chegar ao santuário, existia o coro, lugar de todos os cantores, subdiáconos e clérigos. E por último os púlpitos. O santuário era o lugar do sacrifício. Nele ficava a cadeira episcopal, cibório ou baldaquino, docel fechado por cortinas, onde se fazia a consagração e, que só era aberto para a elevação. Dos dois lados existiam armários para guardar as alfaías religiosas.

Hoje, esses armários são

substituídos pelas credências, mesas laterais ao altar em que se pousam objectos participantes do sacrifício divino. Deste estudo interessante das dificuldades com que lutaram os nossos irmãos em Cristo para poderem assistir e celebrar os mistérios divinos; persistência inquebrantável, fé viva, amor e fervor ardentes ensinam-nos, a nós que hoje dispomos de todas as facilidades por frouxidão, respeitos humanos, futilidades, tantas e tantas vezes deixamos de participar na celebração do mais grandioso acto do nosso culto: a Santa Missa. A nós liamistas cumpre-nos mais ainda do que procurar dilatar a nossa fé, missão da nossa liga, dilatarmos antes primeiro nossas almas a fim de que amando melhor, Aquele a quem servimos, melhor O possamos dar aqueles que o não sabem servir ainda.

Alexandrina Paiva David

O CULTO DOS SANTOS e a vida moderna

(Continuado da 1.ª pág.)

da com mais gravidade, quando se seguem com atenção as tendências da juventude e quando descobrimos o ideal das gerações novas...

...Qual é o ideal de grande parte dos jovens de hoje? Tornarem-se eruditos, inventores, artistas, mestres do pensamento? De maneira nenhuma. O ideal é tornarem-se campeões de pugilismo, ou de foot-ball, obter um «record» ou ganhar uma «taça»... O que é necessário conquistar? A desenvoltura, a astúcia, a força muscular, a força bruta. A grande massa da juventude não sabe quem foi Miguel Angelo, Rafael, Kepler, Pasteur, santo Agostinho, S. Francisco de Assis, mas pode-vos citar dum folego duas dúzias de nomes de estrelas de cinema, ou de corredores de bicicleta. Muita gente nova não faz a mínima ideia de onde se encontra qualquer grande cidade da Europa; mas falai-lhes de Hollywood, a capital do film, e ouvireis a quantidade de particularidades que vos contam: Ignoram os mais importantes acontecimentos da História; mas sabem na ponta da língua o nome dos campeões do salto em altura, o número dos segundos gastos pelo campeão de natação dos 100 metros, nas últimas competições.

Não me parece necessário dispender agora muitas palavras para vos demonstrar o benefício feito de devoção aos Santos, no sentido em que a Igreja Católica a entende: Prestando homenagem aos Santos, propom-nos um ideal mais alto, um exemplo a seguir, substituindo o culto da força bruta pelo heroísmo da vida sobrenatural, e as manifestações da força e habilidade física pelos valores espirituais que só servem para elevar o homem. Que o corredor gasta mais ou menos tempo a atingir a meta pode ser interessante, mas não esqueçamos aquele que chega ao fim da sua vida, na rectidão e no dever. É preciso lembrarmos de que, acima de todos os admiráveis exercícios desportivos, há o trabalho e o esforço da alma. Toda a nossa civilização é diminuída e a vida humana perde o seu valor, à medida que o músculo se impõe ao espírito, a ciência se sobrepõe à caridade e a força bruta vence os sentimentos do coração.

O culto dos Santos é uma garantia para a primazia do espírito sobre a matéria e daí um verdadeiro incremento à verdadeira civilização. Dr. Tihamér Toth — LEIS ESQUECIDAS.

EVEREST, HIMALAIA, OUVIU...

Subiu, subiu sempre, a encosta escarpada, nua até ao topo. E, lá no cimo, quando só as culminancias inacessíveis nos dominam, abriu os braços, enlaçou-se na corda, firmar-se nos pés apoiados em avantajadas botas de brocha aguda e fitar o branco immaculado da agulha granítica que parece desafiar o céu; encostar-se à rocha dura e, pouco a pouco, lentamente, lentamente, ir subindo, subindo, aproximando-se daquele cume nevado que fascina. Aqui resvala um pé; acolá um pequeno arbusto cede; mais acima uma lâmina de rocha despenha-se e perde-se na imensidade do espaço.

O alpinista sobe, insensível, sempre, sempre.

Valentes homens! Tanto mais que a energia física, o arrojo da aventura pressupõe uma forte energia moral, uma arrojada vontade contra os desregramentos da vida.

CATECISMO



XXVI LIÇÃO

A Oração

Uma criança não tem medo de falar a seu pai e de lhe pedir o que deseja.

Nós somos filhos do Bom Deus: façamos pois como as crianças.

Para nos mostrar o que pode a oração, Jesus contou a parábola seguinte: Um homem veio ter com seu amigo, no calado da noite e como a porta da casa estava fechada, gritou: «Amigo, empresta-me três pães, porque um meu amigo chegou de viagem e nada tenho que lhe possa oferecer».

Lá de dentro, o outro respondeu: «A porta está fechada, todos dormem e não posso levantar-me para tos dar». Mas o visitante insistiu tanto que o amigo se levantou e lhe deu o que pedia para ficar socegado.

Jesus acrescentou: «E eu vos digo: pedi e ser-vos-á dado, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á».

Porque, o que pede recebe; o que procura encontra; e a quem bate se abrirá».

Se um vosso filho vos pedir pão, dar-lhe-eis uma pedra? Ou se pedir um peixe, dai-lhe-eis um escorpião? Se, portanto, por mais maus que fordes, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, muito mais o vosso Pai que está nos céus dará boas coisas aos que lhas pedem.

LIÇÃO

1 — O que é rezar?

É falar a Deus para o adorar, lhe agradecer, pedir-lhe perdão e obter as suas graças.

2 — Somos obrigados a rezar?

É um dever que Jesus nos lembra, muitas vezes, no Evangelho.

3 — Quando é preciso rezar!

Muitas vezes, mas sobretudo de manhã, à noite, nas tentações, nas dificuldades e perigos.

4 — Por quem devemos rezar?

Por nós, pelos parentes, benfeitores, Chefes da Igreja, superiores, pelos vivos e defuntos.

5 — Como devemos rezar?

Com atenção, humildade, confiança e perseverança.

6 — Deus ouve sempre as nossas orações?

Sim, desde que sejam bem feitas e se o julga útil à nossa salvação.

7 — É recomendável rezar em comum?

É o próprio Jesus quem o afirma: «Quando duas ou três pessoas se reúnem em meu nome, estarei no meio deles».

Liturgia

Amemos as preces litúrgicas, sobretudo as de Santa Missa e procuraremos compreendê-las.

Tristezas para quê?

**Tristezas
não pagam
dívidas...**



— Porque pedes esmola, meu pequeno? Tens fome?

— Não, senhor, é o meu papá que tem sede.

Num campo de treino de paraquedistas, um capelão advertiu os soldados de que o sermão desse dia seria sobre a mentira.

— Quantos de vós — começaram a perguntar — já leram o 29.º capítulo do Evangelho de São Mateus?

Levanta-se um mar de mãos.

— É mesmo a vós que convém a pregação — diz o capelão. —

Fiquem sabendo que esse capítulo não existe.

ADVINHAS

1 — Qual é a palavra portuguesa que lida às direitas alu-

Pagaram suas assinaturas

Sr. Tenente João Ambrosiano Valadão e Miguel Carvalho Rosinha, L. Marques, 20\$00; D. Flora Neves, Arinto, 15\$00; Manuel Ferreira, 12\$50; Fernando Libório, 10\$00; António Ferreira Carlos, 7\$50; Rosa Coelho, Fernando Paiva, Manuel Paiva, Augusto Paiva, José da Silva Almeida, José Pedro da Silva, Manuel Martins, Alberto Dias, Manuel da Silva Manata, Manuel Manata, Manuel Martins, Bernardino Martins, Manuel Coelho, Agnelo dos Reis, António Dias, Eduardo da Silva Caetano, José Pereira Mendes, 6\$00; Manuel da Silva Peerdigão, José David Paiva, 300 (todos do lugar das Bairradas).

Ao senhor José Ferreira, zeloso colector das Bairradas os agradecimentos de «Vida Paroquial». Bem hajam.

História

Creação do Mundo

No princípio criou Deus o céu e a terra. Mas a terra estava ainda informe e vazia, toda envolta em trevas e coberta de águas profundas. E disse Deus: «Haja luz!» E houve luz. E dividiu Deus a luz das trevas. E foi este o primeiro dia.

No segundo dia disse Deus: «Seja feito o firmamento». E se estendeu logo o belo céu azulado.

No terceiro dia disse Deus: «Reunam-se em um só lugar as águas que estão debaixo do céu, e sobresaia a terra enxuta». E assim se fez, e apareceu logo a terra separada do mar, com seus rios, lagos, fontes e regatos. Depois mandou Deus à terra que produzisse plantas e árvores de toda a espécie, e num instante ficou a terra ornada de relvas mimosas, mil flores e várias cores e árvores verdejantes.

No quarto dia disse Deus: «Haja uns luzeiros no firmamento do céu, maior um para presidir ao dia, menor outro para presidir à noite». E logo o sol, a lua e as estrelas começaram a brilhar em toda a sua formosura.

No quinto dia disse Deus: «Haja peixes e aves!» E assim que o Senhor falou, movem-se os peixes na água, e aves de toda a espécie voam pelos ares.

No sexto dia mandou Deus: «Produza a terra animais de toda a casta»: o que prontamente se fez.

Finalmente Deus disse: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança e seja ele o senhorio de toda a terra». E Deus formou de barro o corpo do homem, e inspirou-lhe uma alma imortal. Assim foi creado o primeiro homem, a quem Deus chamou Adão, quer dizer: *homem tirado do barro*. E viu Deus tudo quanto havia feito, e tudo era muito bom.

No sétimo dia descansou, abençoou e santificou aquele dia.

Nunca existiu povo algum que não tivesse como base a religião. — (Rousseau).

mia e às avessas é um nome próprio?

2 — Qual é a coisa que está no meio do mar e no fim da vida?

*

Solução das anteriores:

1 — Coração.

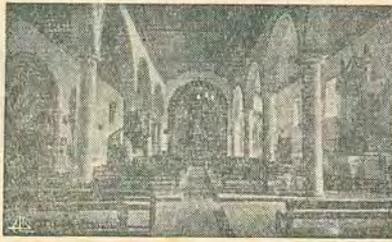
2 — Abelhas.

Pelo Mundo Católico

(Continuado da 1.ª página)

médicos fizeram a promessa solene de trabalhar durante 10 anos numa missão católica.

— A Irmã Joana (Maria Paula Billette), de Montreal, fundou em Nova Delhi, Índia, um hospital chamado «Hospital da Sagrada Família». O pessoal será todo feminino, formado por Irmãs Médico-Missionárias especializadas em todos os ramos da medicina moderna.



Castanheira de Pera

MAIO E JUNHO DE 1954

QUE SUCEDEU?...

Mês de Maio, mês das flores, mês de Maria. Por todo o lado as almas crentes congregam-se em torno dos altares de Maria, perfumam-lhe o trono com flores, enchem-no de luses e cantam, ao redor, cânticos cheios de beleza e unção, cíciam rosários e preces. Mês de Maio, mês dos portugueses. Em coros vibrantes, em revoadas brancas esvoaçaram nos ares os *avés*, as *salvé Nobre Padroeira*; rodaram camionetas para o lugar bendito de Fátima. Em cada terra, em cada altar, os fiéis reuniram-se em oração pela paz.

Oração comum; oração cheia de fé; oração inchada de caridade.

Nesta vila, no dia 30, após um mês inteirinho de louvar à bendita Mãe do Céu, os cristãos reuniram-se, em massa, para se despedirem da sua Rainha e excelsa Senhora. E foram lumes ardendo; e foram flores atiradas, em apoteose, à Senhora de brancura imaculada; e foram orações mais quentes; e foram cânticos mais entusiásticos; e foram, por fim, lenços brancos que acenavam em saudosa despedida.

Mês de Maio, mês das flores, mês de Maria. Que Ela, a Senhora, se tenha sentido bem com o louvor dos seus filhos e mande ao mundo a tranquilidade pedida.

A Oração das crianças

E foi precisamente neste mês que o Santo Padre quiz reunir,

numa oração mundial as crianças, pedindo a Deus, por intermédio da Sua Santa Mãe, a paz para o mundo.

Na Castanheira o movimento foi consolador. Durante a semana que antecedeu o dia designado, resou-se pela paz. Nas escolas, das aulas de catequese e dos lares até, eram vozes inocentes a pedirem a Jesus a paz.

No dia 23, às missas dominicais, nos diversos lugares, reuniram-se as crianças na grande, na sublime oração que é o sacrifício do altar. À tarde, pelas 15 horas, na igreja paroquial, concentraram-se 400 crianças. Foi rezado o terço seguindo-se-lhe uma breve alocução de circunstância. Depois de exposto solenemente o Santíssimo as quatro centenas de crianças, unidas em espírito às do mundo inteiro, resaram a sua oração pela paz, terminando tudo com a bênção eucarística.

A Santo António

No cimo da Serra da Lousã, a 1.200 metros de altitude, aproximadamente, existe, desde 1700 e tal, uma capela pequena, edificada em honra de Santo António que, por ficar junto dos poços da neve, daí tomou o nome. Era pertença dum particular que promovida anualmente a festa, sem qualquer escrúpulo litúrgico. Presentemente, foi o local e a capela adquirida pela entidade eclesiástica, que promoveram a festa.

Assim, no passado dia 13 de

Junho, 2.º domingo, realizou-se a mesma havendo missa campal com sermão e procissão. Na parte da tarde funcionou uma quermesse e barracas de aluminhos e de assados.

Acção Católica

No dia 6 de Junho, dia de Pentecostes, manda a Igreja dedicar o dia à Oração Católica.

Fizeram-se peditórios, orações, festas, tudo o que se pode realizar para dar vida e amparo ao grande exército da Santa Igreja.

A Castanheira marcou este ano a sua presença, activamente. De manhã, a missa paroquial foi dialogada para melhor união entre o celebrante e os fiéis.

À tarde, pelas 17,30, no salão do Club Castanheirense, sob a presidência dum enviado especial da UCID, realizou-se uma sessão em que foram focados os assuntos seguintes: «A responsabilidade dos católicos no momento actual» e «as raparigas e a necessidade de se organizarem». Nos intervalos um grupo improvisado executou alguns cânticos além de algumas poesias apresentadas.

O dia de Pentecostes marcou, em Castanheira de Pera, o início duma nova era de trabalho para os organismos da Acção Católica. Sendo o dia do Espírito Santo só há a desejar que o Divino Paráclito tenha descido como sobre os apóstolos e inflame os corações dos católicos castanheirenses, entusiasmando-os para as lides do apostolado, pois «Importa que Ele (Cristo) reine».

A. S.

...PARA TODOS

Não esmorecemos não, nesta campanha que a todo o custo desejamos seja coroada de êxito. As obras projectadas possivelmente terão início no próximo Abril. Até lá continuamos à espera da concretização de todas as boas vontades em prestar o auxílio preciso.

Notícias animadoras nos chegam de mais um bom filho da terra, residente da capital. Sim, mesmo que algum dia sobre nós pese qualquer mágoa, a terra onde nascemos e onde passamos grande parte da vida, é sempre nossa. E quando a ouvimos chamar por nós, dificilmente deixamos no olvido a sua voz.

Que o exemplo deste filho da nossa terra, que não fica sem lugar de relevo na procissão solene, que na primeira oportunidade aqui havemos de organizar, sirva de alento para tantos outros ainda indecisos.

É a terra, o cantinho lindo como outro não há, onde nascemos, onde recebemos as primeiras carícias e correspondemos com os primeiros sorrisos, é a terra que pede o nosso auxílio, o nosso interesse.

Que magnífica localização da Igreja desta terra! — É a espontânea exclamação dos visitantes.

E dentro, como será?

Sentimos o rubor a percorrer-nos o rosto, mas imediatamente a esperança nos alenta e acudimos: em breve ficará muito melhor...

A. Marques